

Socialismo ou Barbárie

Tendência do  PSOL 50



COMO SERÁ TRUMP NA PRESIDÊNCIA DOS EUA?

Boletim Mensal Nº 6

Novembro de 2016

Contribuição: R\$ 2,00

APOIAR-SE NOS SETORES EM LUTA PARA DERROTAR TEMER



**BALANÇO DAS ELEIÇÕES
MUNICIPAIS**

**VITÓRIA DAS ESQUERDA NA
ELEIÇÃO DO DCE DA USP**



LUTA MASSIVA PARA DERROTAR TEMER

A cassação de Dilma Rousseff (PT) e a consequente assunção à presidência do seu vice, Michel Temer (PMDB), é a forma aparente de um processo político que acabou com uma coalizão governamental no poder desde 2002. Uma das mais profundas recessões da história do Brasil, associada com uma crise política crônica, fez com que as várias frações e partidos da burguesia chegassem à conclusão de que Dilma não seria capaz de superar a crise política para se impor as contrarreformas demandadas pelo capital financeiro e pelo imperialismo.

A partir desse patamar político, surge a decisão da grande mídia em trabalhar sistematicamente para alimentar a onda reacionária nas ruas e as articulações nos palácios contra o governo Dilma. Para isso, apoiou-se na denúncia pela direita do fracasso da política econômica de Dilma, no seu isolamento político em relação às massas trabalhadoras e na operação “Lava Jato” que, apesar de não levantar nenhum fato diretamente contra Dilma, revelou a total decadência ética do PT e do seu governo.

A máquina legislativa e judiciária nacional ficou então de “mãos livres” para levar adiante o processo de impeachment revestido da formalidade necessária para que o seu teor reacionário fosse encoberto. Mas, para além da fragilidade da acusação de crime de responsabilidade contra Dilma (que evidentemente não tem uma sólida materialidade), o argumento petista, comprado por vários setores da esquerda socialista, de que esse processo foi um “golpe” não tem sustentação. Claro que se trata de uma manobra reacionária contra um governo de colaboração de classes para impor um governo puro e duro da burguesia, mas um “golpe” de fato significa uma mudança de regime ou governo a partir de uma medida de força. A própria postura de Dilma, Lula ou o PT confirma a dinâmica política não foi propriamente “golpista” nesse processo, pois, ao invés de mudar o curso neoliberal de sua política para ganhar setores de massa, dobraram a aposta na tentativa de conciliação com a burguesia e o imperialismo que estava dando um “golpe” no governo petista. A sanção dada por Dilma à “Lei Antiterrorismo” no final do seu governo é a prova cabal dessa tentativa de conciliação.

O recuo no tempo tem o sentido de remontar telegraficamente esse processo para ajudar no diagnóstico da atual conjuntura. Um governo de coalizão da burocracia lulista com setores do capital deu lugar a uma coalizão do capital financeiro com a oligarquia política tradicional brasileira. Resultado de uma longa crise estrutural que não apenas substituiu uma coalizão por outra, mas que estabeleceu uma nova conjuntura política e uma correlação de forças mais favorável para a classe dominante. Fato esse que se demonstra no resultado das eleições municipais na qual a base de sustentação política do governo, e principalmente o PSDB, sai fortalecida e nas sucessivas vitórias de Temer no Congresso Nacional.

A caracterização de que estamos em uma correlação de forças mais desfavorável para a nossa classe depois do impeachment não significa que já estamos em uma situação de retrocesso que não permita repelir a ofensiva reacionária em curso. Isso porque não se pode chegar à conclusão definitiva em relação ao resultado da luta de classes por fora de seu desdobramento concreto, pois o seu resultado não se pode predeterminar, não está escrito nas estrelas..., depende sim da própria, por mais que tendências sobre a sua evolução possam ser apontadas.

A análise da correlação de forças é fundamental. Não para evitar a luta, como fazem os oportunistas, mas para avaliar em quais condições se dará, e a partir daí possamos nos preparar melhor para ela. Além disso, apesar de estarmos em uma conjuntura desfavorável nesse momento, as batalhas contra esse governo recém começaram a ocorrer. Apesar das vitórias imediatas obtidas por Temer, como é o caso da tramitação no Congresso Nacional do Projeto de Emenda Constitucional nº 55 (PEC 55), por exemplo, é possível reverter o jogo a partir da mobilização massiva dos trabalhadores e da juventude e repelir esse e outras ataques que estão por vir.

Temos como ponto de apoio para iniciar uma grande resistência contra Temer a disposição de luta da juventude secundarista e universitária que esta desenvolvendo uma gigantesca onda de mobilizações com mais de 1000 escolas e universidades federais ocupadas contra

o corte de verbas para a educação e a precarização do ensino médio. E. apesar da vitória da direita nas eleições municipais, a importante votação do PSOL em muitas capitais, particularmente no Rio de Janeiro, na qual Marcelo Freixo conquistou mais de 1 milhão de votos, demonstra que há um setor de massas que tende a esquerda e não irá aceitar os ataques estruturais às suas condições de vida, estudo e trabalho sem uma dura resistência.

O problema é que a crise de representação deixada pela falência política do petismo, a ausência de uma organização política independente que dirija setores importantes de massas, a apatia, até esse momento, da maior parte da classe trabalhadora e a ausência de uma forte categoria nacional mobilizada politicamente contra os ataques do governo, faz com que não tenhamos um elemento totalizador para aglutinar a resistência que se dá hoje de forma fragmentada. Assim, apesar dos atos contra a PEC 55 ocorridos no dia 11 de novembro terem sido importantes como uma primeira resistência unificada, chegando a reunir algumas milhares de pessoas nas principais capitais do país, mantida esse nível de mobilização não teremos condições de barrar essa e outras contrarreformas que estão por vir.

Como visto nesse dia nacional de luta, a burocracia sindical e partidária petista não irá fazer esforço algum para colocar de pé um verdadeiro movimento contra Temer e o seu pacote de maldades, pois além do tradicional papel traidor da burocracia, concilia com Temer e a burguesia reacionária para tentar preservar Lula e o que restou da cúpula petista da cadeia. Por isso, cabe à esquerda socialista, particularmente o PSOL e o PSTU, além de exigir da burocracia sindical que mobilize as categorias de peso que dirige, fazer todos os esforços possíveis nas próximas semanas no sentido de apoiar a juventude que ocupa as escolas e universidades federais e os setores da classe trabalhadora em luta, como os funcionários públicos do Rio de Janeiro, para a partir do fortalecimento dessas lutas possamos construir uma rede de solidariedade e uma ação mais contundente contra a PEC 55 no dia 25 de novembro, próximo Dia Nacional de Luta.

Eleições municipais:

VITÓRIA DA DIREITA, FRACASSO DO PT E FORTALECIMENTO DO PSOL

Antonio Soler

O segundo turno das eleições municipais reafirmaram as tendências políticos-eleitorais vistas no primeiro turno: a ofensiva reacionária iniciada em 2015 sai fortalecida, o PT sofre uma derrota histórica e um lento fortalecimento da esquerda socialista através do PSOL entre amplos setores das massas.

PSDB é o grande vitorioso

Nessas eleições, o PMDB (partido de Michel Temer) manteve sua implantação nacional como o partido brasileiro com maior capilaridade, passando da administração de 1015 cidades para 1038 a partir de 2017. Mas, apesar de manter a sua implantação nacional, sofreu importantes derrotas no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Esse resultado específico do PMDB, somado ao alto número de votos nulos/brancos e abstenções demonstra que entre as populações das metrópoles e grandes cidades a falta de popularidade do governo é um elemento desfavorável para Temer no cenário que se avizinha de enfrentamentos políticos em torno das contrarreformas. Ou seja, esse resultado reafirma que os trabalhadores e a juventude não irão calar diante de ataques históricos que estão em processo.

Contraditoriamente a esse elemento, a base política desse governo reacionário sai fortalecida ao obter uma importante ampliação nas administrações municipais. Desta base, é o PSDB que surge como o grande vitorioso das eleições. Passou de um total de 685 cidades conquistadas em 2012 para 803 nesse ano, o que corresponde um total de 23,7 % da população brasileira que será governada por esse partido. Além da eleição de João



Doria (São Paulo) e Firmino Filho (Teresina) no primeiro turno, saiu vitorioso na disputa em mais 5 capitais, dentre elas Manaus e Porto Alegre (cidades que estão entre as 10 mais populosas do Brasil), administrará 7 das 26 capitais brasileiras e 28 das 92 cidades com mais de 200 mil eleitores.

Hoje 83% dos prefeitos eleitos estão na base de sustentação do governo Temer. Claro que essa guinada à direita nas eleições reflete muito mais o “voto castigo” ao PT do que uma sólida implantação ideológica da ofensiva reacionária. A direita que está à frente da atual ofensiva reacionária, particularmente o PSDB, soube capitalizar o esgotamento do ciclo lulista, a crise econômica, o sentimento antipolítica e a onda antipetista de direita. Mas, esse deslocamento eleitoral não pode ser tomado de forma absoluta, ou seja, será a luta de classes que dará a última palavra para a implantação, ou não, das contrarreformas e sobre a consolidação desse governo.

PT sofre derrota histórica

De 2004 a 2012 se estabeleceu um curso ascendente de prefeituras conquistadas pelo PT. Em 2004, na onda da primeira eleição de Lula (2002), foram eleitos 411 prefeitos e conquistadas 9 capitais. Em 2012, oito anos depois, o PT elegeu prefeitos em 644 capitais, 4 capitais e 9 em cidades com mais de 200 mil habitantes, passou a administrar nesse ano 38 milhões de habitantes. Mas, nas eleições de 2016 o PT sofre uma derrota histórica e sai das eleições municipais como o grande perdedor.

A tendência a desidratação do PT já se apresentava em 2014. Dilma ganhou a eleição presidencial no segundo turno por pouca margem de votos, mas perdeu a eleição no cinturão industrial do ABC Paulista e em outros polos industriais. Dois anos depois, essa tendência de falência político-eleitoral se agravou de forma severa fazendo cair drasticamente a quantidade de cidades, capitais e população que o PT irá administrar a partir de 2017. Do ponto de vista da quantidade

total de cidades que irá administrar retrocedeu para 254 (queda de 61%), venceu somente em uma capital (Rio Branco - AC) e passará a administrar apenas 5,9 milhões de habitantes (queda de 84%).

Nos grandes cinturões industriais de São Paulo, berço político do PT, a situação é ainda mais desastrosa. Desde a primeira eleição que o PT participa em 1982, ano que Gilson Meneses foi eleito para a prefeitura de Diadema, é a primeira vez que esse partido não administra nenhuma cidade do ABCD Paulista (principal cinturão industrial do país). Esse quadro se repetiu em toda a Grande São Paulo, pois dos 39 municípios da região metropolitana, o PT venceu apenas em Franco da Rocha.

Esse cenário de derrota nacional, nas capitais, cidades mais populosas e nos principais cinturões industriais demonstra de forma cabal a falência eleitoral do PT e tem consequências políticas mais amplas. Mesmo Lula, que ainda era cotado para disputar as eleições presidenciais de 2018 e tentar um movimento de recuperação partidária, com a derrota fragorosa do seu partido e de suas apostas políticas, demonstra também esgotamento e severa descapitalização eleitoral. Quadro que obriga o PT a embaralhar a hipótese de apoio a candidatura de Ciro Gomes (PDT) a presidente em 2018, situação inédita pois desde a primeira eleição presidencial após a ditadura militar, em 1988, apresenta-se com candidatura própria.

O futuro petista é sombrio pelo cenário montado de cerco em torno de Lula e demais dirigentes pela operação "Lava Jato", de derrota eleitoral e de debandada declarada de vários parlamentares. A falência eleitoral do PT se explica por um conjunto de fatores: a profunda derrota sofrida pelo PT no impeachment de Dilma, a prisão de lideranças nacionais devido aos esquemas de corrupção nas estatais, a onda reacionária que o PT ajudou a instaurar desde 2013 reprimindo o movimento e tomando medidas regressivas com o apoio da mídia, do grande empresariado e dos partidos burgueses.

Não choramos pelo PT. Muito pelo contrário. Mas não podemos desconsiderar que a sua falência atinge também de forma imediata o conjunto da esquerda e dos identificados com a transformação social. A superação do petismo se fará de forma mais lenta e traumática do que gostaríamos que fosse, mas abre uma oportunidade histórica para a esquerda socialista, pois podemos ganhar contingentes maiores a médio e longo prazo para as posições socialistas. No entanto, para isso teremos que dedicar alguns anos de militância, estratégia e táticas adequadas para construir organizações políticas que estejam à altura desse desafio.

PSOL como alternativa

A esquerda socialista, apesar de todas as adversidades e fragmentação que experimenta, através do PSOL teve capacidade de resistir às difíceis circunstâncias eleitorais e de ampliar quantitativamente sua instalação nacional em Prefeituras e Câmaras de Vereadores. A derrota do PSOL no segundo turno no Rio de Janeiro, Belém e Sorocaba não diminui a importância dessas eleições para o partido: venceu a disputa em duas cidades no primeiro

turno no Rio Grande do Norte, ampliou o número de vereadores e obteve milhares de votos no primeiro e segundo turnos em todo o país, tudo isso em meio a um cenário de retrocesso histórico do PT.

É evidente que por se tratar de uma cidade nacional, a quantidade de votos no segundo turno (1.163.662) recebidos por Marcelo Freixo no Rio de Janeiro é muito importante. Em meio a essa falência eleitoral do PT e a ofensiva reacionária, esse é um dos fenômenos de maior destaque no cenário político e coloca o partido no centro das atenções.

Mas, aqui cabe uma ponderação política que consideramos importante para o futuro do PSOL. No geral, as suas candidaturas majoritárias se apresentam no campo da democratização no interior da gestão pública, uma plataforma de reformas que não prevê a necessidade de enfrentar a ordem estabelecida com medidas anticapitalista e com a mobilização direta dos trabalhadores e da juventude. Essa perspectiva "ingênua" é extremamente perigosa para o futuro do partido, pois além de gerar na militância a sensação de que não é necessário enfrentar duramente o capital e o sistema político para implantar as necessárias reformas, abre espaço para alianças com os setores "democráticos" da classe



dominante, o mesmo caminho desastroso trilhado pelo PT. Assim, apesar do PSOL ter saído vitorioso politicamente dessas eleições, é importante que para as próximas essa linha seja corrigida e todas as candidaturas estiveram a serviço da luta de classes, de suas necessidades conjunturais e do enfrentamento com a ordem capitalista.

PSTU é o grande perdedor

Por outro lado, o grande perdedor da esquerda socialista nestas eleições, devido ao seu sectarismo/economicismo crônico (desconsidera totalmente as necessidades da luta dos trabalhadores e vive apenas para a disputa dos aparatos sindicais) é o PSTU.

Essa organização se recusou novamente a fazer frentes de esquerda com o PSOL e demais partidos desse campo. Posição essa que teve como resultado uma baixíssima votação em nível nacional (menor ainda do que em 2012) e a não reeleição dos seus vereadores em Belém (PA) e em Natal (RN). Cleber Rabelo (PA) saiu como candidato a prefeito obtendo 0,25% dos votos, resultado desastroso, sem dúvida, para quem tinha saído de um mandato de vereador. E Amanda Gurgel (RN) - hoje milita com o MAIS, mas utilizou a legenda do PSTU - apesar da expressiva votação de 8002 votos, devido a política do PSTU de não fazer alianças eleitorais com o PSOL, não conseguiu o coeficiente eleitoral necessário para se reeleger, mais uma vítima do sectarismo.

Nós do **Socialismo ou Barbárie - tendência do PSOL** não tivemos candidatos próprios esse ano, mas nos orgulhamos de termos apoiado as candidaturas de Isa Penna na cidade de São Paulo, jovem e feminista, que por 25 votos apenas não se elegeu vereadora e de Paulo Neves em São Bernardo do Campo, sindicalista e professor que, apesar de ter uma margem inferior de votos, realizou também uma campanha socialista e militante.

A nossa experiência - cremos que

seja também a da maioria das correntes revolucionárias do seu interior - nessas eleições demonstra que é possível construir uma forte tendência socialista no interior do PSOL que leve cada vez mais esse partido para o rumo das posições socialistas revolucionárias, um partido que tenha como centro a construção sistemática da unidade na luta para enfrentar a burguesia e de frentes políticas socialistas para combater a burocracia.

Apostar na unidade da esquerda

Apesar dos limites políticos ainda impostos pela sua direção nacional, majoritariamente reformista, o PSOL é hoje o partido que permite à esquerda socialista se apresentar com visibilidade política nacional. Por isso, é necessário que as forças da esquerda socialista que ainda estão fora do PSOL, como é o caso do MAIS - cumpre hoje um importante papel na definição política partidária para todo um setor da vanguarda brasileira - considerem com muita atenção a necessidade que vem se impondo de construir o PSOL pela esquerda e como alternativa político-eleitoral diante da falência do petismo.

É evidente que o crescimento eleitoral da direita nas eleições municipais é um fator de grande preocupação. No que pese que não foram eleições nacionais e que essa vitória está longe de legitimar por completo a ofensiva reacionária em curso, a ofensiva reacionária sai vitoriosa desse pleito para avançar

em suas contrarreformas. Mas, apesar do fortalecimento da direita, a questão da imposição das contrarreformas, o alinhamento político da direita para a eleição presidencial de 2018 e a construção de uma alternativa de esquerda ao PT estão longe de já estarem resolvidos.

A evolução do conjunto de fatores acima citados depende, de forma incontornável, da evolução da luta de classes, dos desdobramentos da "Lava Jato" e da evolução da economia daqui para diante. Por mais que as eleições sejam importantes para medir o termômetro político da sociedade, esse não é o campo que define a situação política, essa depende da luta de classes nos locais de trabalho, estudo e, principalmente, dos grandes enfrentamentos de ruas.

O espaço aberto pela falência do PT está ainda muito longe de ser ocupado pelo PSOL ou por qualquer outra força de esquerda. De qualquer forma, o fortalecimento eleitoral do PSOL coloca sobre o partido e sua direção maiores responsabilidades, pois o cenário político exige uma atuação real nas ruas, a ampla unidade na luta em defesa dos direitos, a criação de frentes de esquerda para enfrentar a burocracia petista, que segue forte e com capacidade de conter as mobilizações, e a defesa intransigente dos estudantes e demais setores que estão resistindo nas ocupações de escolas, universidades e cidades em todo o país.



ARMAR A RESISTÊNCIA CONTRA TEMER

Gabriel Ferreira

Como era de se esperar, a coalizão governista em torno do presidente Michel Temer (PMDB) após as eleições municipais passa a empreender uma intensa ofensiva contra o conjunto dos trabalhadores e da juventude. Ofensiva essa que tem na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 55/2016 - que congela os gastos públicos das despesas primárias da União por um período de 20 anos - o seu carro chefe.

“PEC do fim do mundo”

No 25 de outubro, a Câmara dos Deputados aprovou em segundo turno de votação a PEC 241, projeto esse que agora tramitar no Senado Federal como PEC 55. Como se trata de uma emenda à Constituição, a PEC para ser aprovada deve contar com 2/3 dos votos favoráveis em uma votação de dois turnos na Câmara e também no Senado.

Apesar de sua importância política e do profundo ataque econômico que está em seu bojo, trata-se apenas de uma das primeiras medidas da ofensiva reacionária que está em curso. Atrás dela vem as contrarreformas da previdência; trabalhista, sindical; privatizações e etc. A aprovação dessa PEC tem uma importância política e econômica estratégica, pois se for definitivamente aprovada significará um fato político de grande monta, ou seja, uma forte indicação de que esse governo poderá passar o conjunto do seu pacote reacionário. E a depender da vontade política da bancada governista e do atual nível de resistência, esse projeto passará por dois turnos também no Senado até o final do ano.

Alcunhada corretamente como “PEC do Fim do Mundo” pelo movimento social, a PEC 55 prevê o congelamento das despesas primárias por um período de 20 anos. Isso significa congelar nos atuais



patamares por 20 anos - independente do crescimento populacional - os atuais investimentos em saúde, educação, moradia, transporte e infraestrutura. O descalabro é tamanho que mesmo se o PIB do país se recuperar nos próximos anos, os atuais níveis de investimentos se manterão congelados. Isso em uma situação que 12 milhões de trabalhadores estão desempregados, cerca da metade da população brasileira não dispõe de estrutura de saneamento básico, os hospitais se encontram em calamidade, milhares de famílias não tem teto e toda uma geração de jovens estão fora do ensino médio ou da universidade.

Ao contrário do que afirma a propaganda oficial, essa emenda constitucional não tem como objetivo a redução da dívida pública para garantir o funcionamento equilibrado das finanças públicas, mas sim produzir um retrocesso Constitucional histórico para que o orçamento público passe a estar quase que exclusivamente a serviço do capital rentista. Isso porque essa PEC 55 congela apenas as despesas pri-

márias, ou seja, os gastos com juros e amortizações, que consomem em média 45% do orçamento público, estão fora das despesas primárias. Assim, com o congelamento das despesas primárias e com crescimento da arrecadação a partir da recuperação econômica uma soma muito maior de recursos públicos serão transferidos aos banqueiros e grandes investidores internacionais. No sentido de que esse teto dos gastos públicos recaia única e exclusivamente sobre as costas da classe trabalhadora e do conjunto dos despossuídos, os incentivos fiscais dados às grandes empresas, a chamada “Bolsa Empresário”, que no próximo ano atingirá R\$ 224 bilhões (3,4% do PIB), também não será afetada pela PEC 55.

Mas, a PEC 55 não é uma peça solta no tabuleiro, como medidas preliminares já foram aprovados no Congresso Nacional a elevação da DRU (Desvinculação das Receitas da União com gastos sociais em saúde e educação) de 20% para 30%, o Projeto de Lei (PL) 257 (obriga os Estados a conter investi-

mentos sociais para renegociar dívidas com a União), a mudança na forma de exploração de petróleo da camada pré-sal (altera o regime de exploração do recurso mineral favorecendo as empresas transnacionais) e a contrarreforma do ensino médio (objetiva precarizar o trabalho docente e aprofundar ainda mais o fosso existente na formação escolar entre ricos e pobres).

Mas depois da PEC 55 o rolo-compressor neoliberal continuará a esmagar as conquistas dos trabalhadores das últimas décadas. Está previsto para o próximo ano a contrarreforma da previdência e que visa aumentar absurdamente a idade mínima de aposentadoria para 65 anos a idade, a reforma trabalhista que objetiva acabar com todas as mínimas garantias da CLT (Consolidação das leis trabalhistas) aumentado assim a jornada de trabalho, restringindo direito ao pagamento de horas extras, férias anuais de 30 dias, licenças, 13% salário e outros. Ou seja, tudo isso para fazer as relações de trabalho voltarem aos bárbaros patamares da primeira metade do século XX.

Burocracia abriu o caminho

O governo Temer, a partir da debaile política do PT e contando com o apoio unívoco da classe dominante, conseguiu, até o momento, impor ao conjunto da sociedade o discurso de que estamos em uma situação de calamidade pública, que o crescimento da dívida da União se deve aos gastos primários e que o descontrole financeiro só pode ser resolvido a partir de medidas de contenham duros cortes orçamentários que “atinjam todos”.

Essa peça ideológica esconde as verdadeiras causas do crescimento da dívida pública e do descontrole financeiro: o Brasil pratica umas das mais altas taxas de juros do mundo, fazendo com que quase a metade do orçamento federal seja destinado aos juros da dívida pública, além disso, a primarização da economia nacional nos tornou totalmente dependentes da exportação de commodities e da importação de bens manufaturados.

É vidente que o arsenal ideológico burguês, que tem funcionado muito bem até o momento, não foi cons-

truído apenas após o impeachment de Dilma Rousseff (PT). Na verdade, desde o início do segundo mandato de Dilma se martela na cabeça das pessoas que a única saída para o descontrole financeiro frente a crise econômica é realizar um profundo ajuste nas finanças públicas a partir de cortes orçamentários nos gastos públicos. E assim foi feito nos dois anos em que durou o seu segundo mandato.

Tem mais! Não esqueçamos que a proposta de estabelecimento de um teto para os gastos públicos que inspirou a PEC 55 começou a ser gestada pelo Ministério da Fazenda de Dilma na gestão de Nelson Barbosa. Não é por acaso que o PT, a CUT e demais partidos e centrais burocráticas deixaram que o governo interino de Temer, mesmo antes da votação definitiva impeachment de Dilma, avançasse com a formulação e a tramitação da PEC 55 no Congresso Nacional sem oferecer a menor resistência.

Podemos derrotar a PEC 55

No campo da esquerda socialista, a



maioria da direção do PSOL, como era de se esperar, não está utilizando a sua influência parlamentar para impulsionar a luta contra a PEC 55. Ou seja, mantém o seu curso social democrata.

Com o fortalecimento eleitoral do PSOL nas eleições municipais, a sua responsabilidade diante da luta de classes também aumentou. Não se pode fugir impunemente de responsabilidades políticas, principalmente em uma situação de ofensiva reacionária e de testes decisivos da luta de classes em que uma nova correlação de forças está por se definir. Se esse partido não responder politicamente à altura dos acontecimentos comprometerá a sua capacidade de representação de todo um setor da juventude que está fazendo suas experiências de luta nas ruas e ocupações.

Por isso, a esquerda do PSOL tem uma responsabilidade política redobrada no sentido de lutar para que o partido esteja a serviço da luta dos trabalhadores e da juventude, principalmente nesse cenário em que a resistência da nossa classe está sendo profundamente testada. Assim, é preciso armar o conjunto da esquerda do PSOL para atuar de forma organizada em todas as frentes de luta, atos, passeatas, ocupações e, principalmente, no sentido de contribuir com a resistência à aprovação da PEC 55. Isso é decisivo para estarmos efetivamente a serviço da construção de um partido autenticamente da esquerda socialista que possa oferecer uma alternativa de massas à esquerda do PT.

Apesar desse cenário de intensa ofensiva reacionária, começamos a contar com uma crescente resistência a nível nacional. Os atos contra a PEC 55 ainda são de vanguarda na maior parte das cidades e sem capacidade para resistirem efetivamente à sua tramitação. Mas, em virtude da proposta de contrarreforma

do ensino médio e dos cortes de verbas federais para as universidades, vivemos uma dinâmica de ocupações estudantis em vários Estados. Atualmente estão ocupadas mais de 1000 escolas estaduais (com destaque para a onda de ocupações de escolas no Estado do Paraná), dezenas de Universidades Federais e algumas Reitorias.

Como o grosso dessas ocupações ocorrem fora do centro político do país, essa onda de lutas ainda não pôde se generalizar e comover o cenário político nacional. No entanto, à medida que os trabalhadores e a juventude estão tendo mais acesso ao teor dessa e de outras nefastas políticas de Temer, o clima político começa a mudar entre as massas. Uma conjuntura de resistência mais generalizada pode se estabelecer daqui em diante se for puxada pela ampliação das ocupações de escolas em São Paulo, em outras capitais e também por atos mais numerosos e combativos.

Estamos lidando com um ataque político estratégico para a classe dominante brasileira que vai fazer de tudo para aprovar a PEC 55. Mas, as massas já começam a perceber o tamanho do ataque que está sendo armado contra as suas condições básicas de existência e pode passar a uma posição ativa nos próximos meses. Por isso, precisamos apostar a fundo no esclarecimento do teor desse ata-

que brutal para que possamos colocar muito mais gente na rua.

Para que 25 de novembro seja um dia ativo de paralisação e que sirva para impulsionar uma onda de resistência nacional é preciso colocar milhares de pessoas nas ruas, só assim poderemos multiplicar as ocupações de escolas estaduais, universidades, locais de trabalho e, assim, criar um movimento generalizado para derrotar esse ataque histórico a nossa classe e juventude.

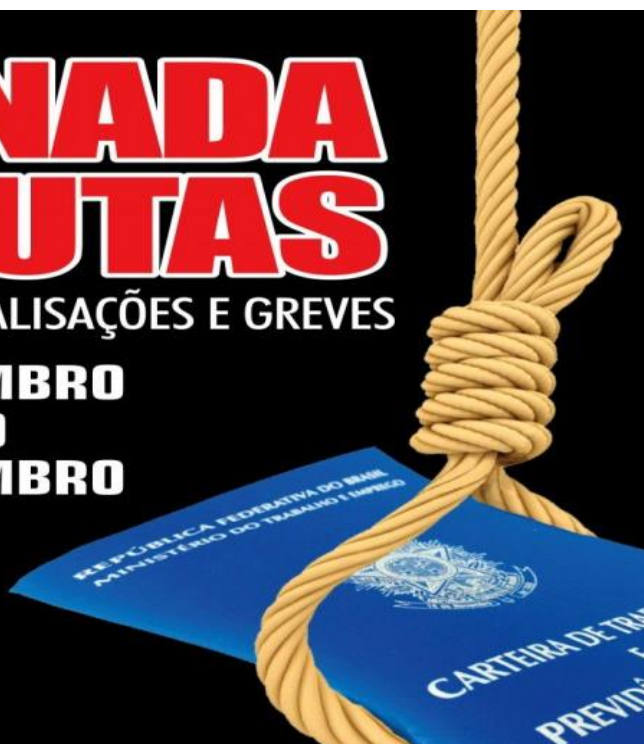
Como sabemos que não podemos confiar um só milímetro na burocracia sindical, que fará de tudo para que o movimento de resistência à PEC 55 não se generalize, a tarefa mais importante da esquerda socialista - inclusive do PSTU se quiser sair do pântano político em que se enfiou - até o dia 25 de novembro é fazer um grande esforço político unificado para propagandear, agitar e organizar essa greve da forma mais ampla possível nas escolas e locais de trabalho. Mesmo agora que essa medida está a meio caminho da sua aprovação no Congresso Nacional a burocracia sindical não mexeu ainda uma só palha para barrá-la. Apenas recentemente uma reunião de centrais sindicais foi organizada para discutir a situação, tendo como resultado a proposta de realização de um dia nacional de paralisação em 25 de novembro.

JORNADA DE LUTAS

PROTESTOS, PARALISAÇÕES E GREVES

**11 DE NOVEMBRO
PREPARANDO
25 DE NOVEMBRO**

Greve Geral, já!



Eleição do DCE USP:

VITÓRIA DA “TRAVESSIA” CONTRA PETISMO É UM ÊXITO HISTÓRICO

Rosi Santos



A travessia pela esquerda!

Na noite de ontem, foi finalizada a apuração dos votos da eleição para a gestão de 2017 do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de São Paulo (DCE Livre da USP). Diversas organizações importantes da esquerda que atuam no interior da universidade, disputaram a direção do mais importante diretório estudantil do país da maior universidade, da América Latina. Sendo a chapa *Travessia não há tempo a Temer* a qual fizemos parte a vitoriosa neste processo com 50,6% dos votos.

Esta eleição se deu em uma conjuntura bastante complexa. Desde o processo de impeachment de Dilma Rousseff (PT) se aprofunda o avanço da direita reacionária contra as camadas mais pobres, contra os serviços públicos de saúde e educação e contra os direitos dos trabalhadores e da juventude. Uma ofensiva iniciada ainda no governo Dilma, mas que recrudesce à partir do governo ilegítimo de Michel Temer (PMDB).

A situação atual só é possível de ser compreendida em um quadro de crise econômica e política no qual o PT e seu governo atacou sistematicamente direitos dos trabalhadores e buscou até o fim um acordo com os “golpistas” para salvar Dilma do impeachment em vez de recorrer ao movimento de massas contra a clas-

se dominante. Essa tragédia política do petismo faz com que uma parte significativa da classe trabalhadora esteja sem referências políticas para enfrentar esse momento de ofensiva reacionária que se dá a passos largo em nosso país.

Porém, entre a juventude estudantil e em outros setores, como o movimento de mulheres, por exemplo, e também no imaginário coletivo permanece viva a onda de indignação vivida em Junho de 2013, o que possibilita que apesar dessa ofensiva conjuntural novas ondas de indignação possam vir à tona novamente. É possível notar a manutenção da combatividade nas ocupações de escolas estaduais pelos secundaristas contra a PEC 55 (ataque frontal ao conjunto dos serviços públicos) e contra a PEC 257. As eleições municipais, que elegeu um pastor evangélico no Rio de Janeiro e um magnata em São Paulo, agudizou nacionalmente ainda mais isso. E as mulheres e a juventude têm criado saídas independentes do petismo e devem ser um importante ponto de apoio para futuras lutas da classe trabalhadora.

A heroica luta dos estudantes secundarista contagia e os estudantes das universidades públicas por todo o país, e neste momento temos diversas ocupações e outras formas de luta, além do movimento dos funcionários públicos em vários Estados,

trabalhadores que ocupam Assembleias Legislativas contra a votação de projetos que aumentam a taxa sobre salários e restringem/retiram direitos. Mas, por enquanto, é principalmente a juventude estudantil que tem demonstrado que, mesmo em condições políticas adversas, com unidade e independência política é possível lutar e vencer.

Potencial da esquerda socialista

É sob este signo – o de que é possível mobilizar e derrotar a ofensiva reacionária apesar das adversidades – que nós, *Socialismo ou Barbárie (SoB)* – *tendência do PSOL*, vimos atuando dentro da universidade.

A partir do conjunto de propostas de Dilma para a reforma do ensino médio (diga-se de passagem, muito parecida com a de Temer), e de sua contrarreforma da previdência, dos cortes de verbas e restrição de direitos no início do seu segundo mandato, já apontávamos para a necessidade premente de desenvolver táticas voltadas para a construção de frentes políticas de esquerda para a luta e para as eleições de forma que pudéssemos resistir a ofensiva da direita de forma independente da burocracia petista e cutista. Para nós diante da polarização política aberta no país, a fragmentação da esquerda em todas as frentes era um dos principais desafios a serem superados. Por isso, nas na eleição do DCE da USP no primeiro semestre deste ano, através da chapa Novo Junho, fizemos um chamado persistente à unidade da esquerda socialista, o que se demonstrou um acerto pois dialogou profundamente com o sentimento da juventude de que para resistir e ganhar é necessário unidade.

Felizmente, essa necessidade foi compreendida pelos setores que compunham a chapa Primavera (atual gestão), possibilitando a construção de uma unidade eleitoral histórica no movimento estudantil no interior da universidade através da chapa *Travessia*. Chapa para a qual

confluiu organizações políticas e independentes que sempre estiveram na luta de forma coerente, o que possibilitou somar mais de 250 estudantes independentes. Acerto político que se manifestou em uma estrondosa votação de 50,6%, número só possível porque a política de unidade animou um amplo setor da vanguarda para construir uma vitória eleitoral que certamente terá impacto positivo sobre a organização da luta no próximo ano.

A chapa **Travessia** evidenciou nas eleições que com unidade, independência política e militância de base somos mais fortes e podemos derrotar a reitoria e seu projeto privatista. Mas o papel do movimento estudantil da universidade não pode se limitar às suas demandas específicas, essa chapa deve estar à altura de organizar os estudantes da USP para defenderem uma universidade pública para todos e a se somarem aos estudantes secundaristas, e a outros setores resistentes, em sua luta contra os ataques à educação pública e para barrar as medidas reacionárias do governo Temer.

O oportunismo e o sectarismo

Diferentemente de anos anteriores, a direita não disputou o DCE esse ano. Isso tem a ver com um refluxo geral da disputa política que atinge tanto a esquerda quanto a direita, mas também por que a direita vem de seguidas derrotas e sua com a estratégia de disputar postos estudantis diretos junto à burocracia universitária nos conselhos universitários (eleições de representantes discentes, RDs). Já o PT, depois do impeachment, tenta se recompor politicamente no movimento com o claro objetivo de se fortalecer para a campanha presidencial de 2018. Como parte dessa estratégia, esse partido sai unificado com o coletivo Levante Popular da Juventude nas eleições para o DCE, compondo a segunda força política em condições de ganhar a eleição.

Nesse processo eleitoral, a chapa **Travessia** teve como principal adversária a chapa do PT chamada *Por todos os cantos*, uma vez que utilizou de todo o aparato petista e cutista dentro e fora da universidade

para fazer a campanha. Porém, a diferenciação que construímos com o petismo possibilitou que a campanha da **Travessia** crescesse e conseguíssemos no final uma vitória significativa sobre o PT, alcançando 50,6% do total de 5,011 votos.

Essa vitória é importante porque a esquerda há anos trava batalhas eleitorais contra a direita tradicional, e manter o DCE nas mãos da esquerda sempre foi o mote principal para chamar os estudantes a defenderem a entidade. Nessa eleição foi necessário construir um discurso de diferenciação com o petismo e tudo o que a sua burocracia representa de nocivo para o momento. Porém, ganhar com essa diferença de votos do PT é uma vitória emblemática, pois deixa claro na escala uspiana que o projeto petista está colapsado e que esse é o momento de unidade da esquerda socialista para se construir em setores mais amplos das massas.

O PSTU, que chegou a dirigir o DCE sozinho e que nos últimos anos codirigiu a entidade com o MES (PSOL), desde a última eleição optou pela fragmentação e saiu com chapa própria. E mesmo agora, após sofrer uma ruptura de centenas de militantes, optou pelo mesmo caminho. A política desastrosa desse partido, que desconhece olímpicamente que estamos em uma situação de ofensiva reacionária, fez com que essa organização que tem implantação nacional e décadas de construção, ficasse apenas com 192 dos votos não chegando a ganhar em nenhum curso da universidade.

Em seguida veio o MRT. Apesar de fazer a manobra de usar parte do nome da última chapa vitoriosa (*Primavera*), se apresentando como *Primavera nos dentes*, obtiveram apenas 241 votos. Isso mesmo dirigindo dois centros acadêmicos, dentre eles um que possui mais de 3 mil estudantes. Obviamente essa derrota tem a ver com sua política, que vai do oportunismo ao sectarismo em um piscar de olhos, além de sua frequente política: ora ultimata, ora centrista. Uma mescla perfeita de oportunismo e sectarismo que passa sempre pela auto proclamação totalmente infundada, típico de correntes

centristas.

Para se ter uma ideia do que estamos dizendo, logo após o impeachment saíram exaustivamente a gritar “golpe” para além da caracterização do processo da qual discordamos, esta organização chegou ao ponto de em uma assembleia geral dos estudantes da USP propor a participação em uma manifestação em solidariedade ao PT e à Lula, uma política de desarme total da resistência independente à ofensiva burguesa e de realocação do PT. Sobre o seu sectarismo não precisamos nos alongar muito, pois todos sabem como essa organização atua: fruto da concepção de seita estrutural, em que nas frentes onde não pode hegemonizar não participam, onde pode e não conseguem tenta implodir, quando não conseguem implodir simplesmente retiram-se do processo.

Por outro lado, a combinação da política de frente de esquerda com a de unidade para a luta e enfrentamento a burocracia petista possibilitou a chapa **Travessia** um grande êxito político e eleitoral. Possibilitando a essa chapa uma votação de 2,536, contra 1,597 do PT, 214 MRT e 192 PSTU.

A esquerda sai fortalecida

Estamos convencidos, de que entramos em um momento em que está em jogo o futuro, ou melhor, a tentativa da classe dominante de impor um endurecimento do regime contra os oprimidos agora e para posteridade. Por isso, acreditamos que não somos autossuficientes para realizar essa imensa tarefa, o nosso chamado de unidade é real e se estende não apenas ao conjunto dos estudantes em abstrato, mas também a todas as chapas que disputaram as eleições.

Acreditamos que, da mesma forma que a juventude estadunidense que se coloca de pé contra o governo ultra reacionário de Donald Trump e principalmente a juventude secundarista brasileira que está questionando duramente o governo Temer, a juventude da USP pode voltar a ser um polo de resistência fundamental e de visibilidade nacional contra a ofensiva reacionária, mostrando que é possível fazer a *travessia* em luta.

UM DEMAGOGO GANHA A PRESIDÊNCIA DOS EUA

José Luis Rojo

O triunfo de Trump impacta o mundo

“Eu poderia atirar em alguém na quinta avenida e não perderia nem um voto” (Donald Trump)

Ganhou Trump, EUA e o mundo estremeceram. Tanto Hilary Clinton como ele foram os candidatos do Império na eleição que se encerrou na semana passada. Nenhum dos dois era opção. De todas maneiras, a concretização do triunfo do magnata imobiliário configura um categórico giro à direita nos assuntos estadunidenses e mundiais.

“Make America great again”

Não foi um raio em céu aberto. Sabe-se que existe uma camada importante da população muito descontente nos países imperialistas. Diante da falta de alternativas, e em um clima geral de despolitização, essa camada foi canalizada nas eleições estadunidenses por Trump: uma candidatura “nacional-

imperialista” reacionária até a medula.

Por “nacional-imperialismo” nos referimos a um fenômeno desaparecido nas últimas décadas devido ao consenso “globalista” hegemônico no interior do imperialismo. É uma forma distinta de defender os interesses imperialistas, por uma via protecionista e/ou autárquica e/ou isolacionista (que tem sua tradição no norte do mundo, sobretudo quando observamos o processo ocorrido entre as décadas de 1920 e 1930 do século passado): “Trump parece estar obcecado com (...) os tratados de livre comércio que tem assinado nossos líderes, as numerosas empresas que transferiram os seus centros de produção para outros lugares, as chamadas que fará aos presidentes dessas empresas para ameaça-los em elevar os impostos se não voltarem aos Estados Unidos” (Por que milhões de trabalhadores norte-americanos apoiam

Trump?”, Thomas Frank, *The Guardian*, 08/03/16).

Trump antecipa um giro nos assuntos mundiais. O consenso “globalista” imposto nas últimas décadas está em crise. A base material disto é a crise econômica histórica aberta em 2008, que não se fechou. Pelo contrário, tem significado uma queda generalizada do nível de vida de amplas poções de trabalhadores.

A partir daí pegou o discurso protecionista de Trump. Afirmo o economista marxista britânico Michael Roberts: “(...) a globalização, que estendeu os tentáculos do capitalismo pelo mundo, está paralisada. E o crescimento da produtividade do trabalho, a medida do “progresso futuro, também parou de crescer nas grandes economias” (“O fim da globalização e o futuro do capitalismo”). A isso é necessário agregar que pela primeira vez em várias décadas, o crescimento do comércio mundial que vinha subindo mais do que do que proporcionalmente o PIB internacional, estancou-se (para ampliar este tema ver a próxima edição da revista *Socialismo ou Barbárie* nº 30)

Internacionalmente várias expressões surgem questionando a mundialização neoliberal. Nos próprios Estados Unidos, Bernie Sanders, histórico senador socialista do Partido Democrata, atraiu a adesão das jovens gerações (os *millenials*) realizando uma grande eleição interna diante de Hillary Clinton na primeira metade do ano. Porém, acabou capitulando diante do aparato democrata. Na Grécia, Syriza,



que tinha despertado enormes esperanças, decepcionou à velocidade de um raio.

Trata-se de um retrocesso geral do “progressismo” (Obama, Cristina Kirchner, Lula e etc.) verificável também na América Latina; crise geral pela óbvia incapacidade de tornar uma só medida que vá contra o sistema.

Sobre a base deste fracasso emergiu Trump assim como o conjunto das expressões de direita ou extrema direita que se observa na conjuntura internacional: “Brexit” na Gran Bretanha, ascenso de Marie Le Pen na França, império despótico de Erdogan na Turquia, etc.

Difícilmente Trump será mais do mesmo. Temos que ver até onde pode e quer ir: “(...) a doutrina da autarquia é reacionária e totalmente utópica. Os criadores do nacionalismo são também laboratórios de terríveis conflitos futuros; como um tigre faminto, o imperialismo se agarrou em seu covil nacional para se preparar para um novo salto (León Trotsky, “O nacionalismo e a economia”, 30 de novembro de 1933).

Traduzindo as geniais palavras do grande revolucionário russo: o que se prepara é um ataque sistemáti-

co contra os povos do mundo, os trabalhadores, os imigrantes, a população negra, as mulheres e a juventude. A consigna do momento é ir para a rua – como já começaram a fazer os estudantes ianques! – para impedir os planos imperialistas, militaristas e os ajustes econômicos do novo governo direitista.

O voto dos de baixo

Era de se esperar que as pesquisas voltassem a fracassar. Durante 2016, em muitos lugares se votou contra o consenso “globalista” dominante. Um caso recente foi o triunfo do Brexit (saída da União Europeia) na Inglaterra. Também surpreendeu a votação pelo não ao acordo de paz na Colômbia. E poderá surpreender Marie Le Pen o ano que vem nas eleições presidenciais francesas (ainda que dificilmente se imponha porque o sistema eleitoral francês permite que todos os oponentes se unam em torno de outro candidato).

Na eleição dos EUA se verificou uma grande polarização. A população negra e a comunidade latina respaldaram massivamente Clinton com 88% e 65% dos votos respectivamente. Entre a juventude (levando em consideração uma

ampla faixa de 18 a 45 anos), também o voto em Hillary foi majoritário.

Sem dúvida, um problema bastante universal ocorre com um setor importante da classe trabalhadora. Em um mundo em que por ora está fora de cena a alternativa socialista (ainda está em curso um histórico recomeço da experiência entre os setores mais jovens), em um setor da velha classe trabalhadora que perdeu seu emprego, que se sente sem perspectivas, abandonada pelo neoliberalismo, calou fundo o discurso de Donald Trump.

Os companheiros do Socialist Worker dos EUA o refletem agudamente: “Os especialistas do Partido Democrata não entenderam o que aconteceu durante os oito anos da presidência de Obama, quando responderam à Grande Recessão restando os banqueiros, redobrando seu compromisso com o neoliberalismo e a austeridade cortando investimentos às custas dos trabalhadores”. E em seguida acrescentam: “As condições de vida de milhões nos Estados Unidos se deterioraram ou estancaram. Por isso, quando Trump ataca pela perda de empregos decentemente remunerados e acusa Clinton e os Democratas por jogar as pessoas aos lobos, alguns segmentos da população acreditam – de fato erroneamente, porém pressionados pela necessidade – que alguém entende seus sofrimentos” (Como pode ganhar este monstro?”, Socialist Worker, 9/11/16).

Isso não dá a Trump nenhum grama de “progressista”, evidentemente. Apenas reflete uma campanha que se conectou, demagogicamente, com o sentimento de amplos setores que consideram que acabou para eles “o sonho americano”, um setor que a mídia chama de “perdedores da globalização”:



“A história profunda da direita é que alguém espera na fila como um peregrino que vai subir na colina. Lá em cima, está o sonho americano. Ele trabalhou duro, cumpriu as regras e sente que merece a recompensa. Mas a fila não se move, mas ele é paciente. Não culpa ninguém. E logo vê as pessoas que estão na fila. Negros, mulheres, imigrantes, refugiados, protegidos pelos programas federais. Todos estão puxando a fila para trás, e ele vê o governo federal como o patrocinador dos que estão na fila. O governo federal é o inimigo” (“Ganhe o candidato que ganhe, vamos a uma polarização maior”, *La Nación*, 1/11/16).

O caráter populista de Trump é um fenômeno novo pelo menos em escala de um império como o ianque. Ocorre que os governos e políticos neoliberais das últimas décadas se caracterizam por uma gestão asséptica, por não se comprometer a nada. Porém o demagogogo é o que toca nas “fibras sensíveis” de amplas camadas não porque tenha a resposta para suas demandas, mas como estratégia de poder.

O panorama seria incompleto, de todas as maneiras, se nos esquecêssemos de Sanders. Todo o mundo fala de Trump, porém se

esquece da campanha que fez o senador socialista. Sanders fez promessas inaceitáveis para os de cima: aumentar o salário mínimo para 15 dólares, impulsionar a gratuidade em um dos sistemas universitários mais onerosos do mundo, e outras medidas que conectaram com as jovens gerações e um imenso setor dos trabalhadores. Porém ao abandonar a disputa em favor de Clinton, ao não correr por fora dos Democratas, abandonou milhões que justamente não quiseram votar em Hillary [1].

Quem representa Trump?

A cloaca que foi toda a campanha eleitoral expressou uma profunda crise da “democracia” imperialista ianque, uma crise traduzida em uma profunda deterioração do sistema bipartidário. Este sistema domina a política norte-americana a mais de 100 anos e nas últimas décadas imperou um consenso bipartidário sobre a orientação globalizadora neoliberal.

De todas as maneiras, este consenso vinha se trincando. Sobre tudo nas temáticas como os direitos das mulheres, questões religiosas, política para Cuba, orçamento nacional, o plano de saúde, etc., que resultaram em quase um bloqueio parlamentar contra Obama. O Par-

tido Republicano foi demasiadamente a direita. Dai surgiu o movimento do Tea Party, do qual, de qualquer maneira, Trump, não é expressão direta.

Sem dúvida, Trump surgiu por fora do *establishment* de dito partido. E, sobretudo, por fora do consenso globalizador. Provem do mundo dos negócios e se fez grande figura televisiva, questão que lhe deu *rapport* com o cidadão médio do país [2].

Para apresentar sua candidatura, ganhar a indicação republicana e correr a reta final a presidência, enfrentou-se com o aparato partidário. Tão sério foi o enfrentamento à cúpula do partido, que poucas semanas atrás, quando arrefeceram as denúncias diante da evidência de que é um abusador em série, especulou-se com a renúncia de sua candidatura. [3].

Porém, a razão de fundo desta falta de apoio não tem que ser procurada em seu estilo. Tem a ver com uma orientação política distinta da dominante: chegou ao cargo máximo do mundo como um verdadeiro “outsider”. Não com um outsider de sua classe social, que se entenda: é um magnata (segundo o dicionário: uma pessoa muito rica e importante por seu cargo ou por seu poder, especialmente no mundo dos negócios, na indústria ou na finanças). Porém, em relação às orientações políticas e econômicas até agora dominantes, é uma questão que deixa um mar de incertezas sobre quais serão os seus próximos passos.

Quando o conjunto do *establishment* e os meios de comunicação mais reconhecidos, como *The New York Times*, *The Washington Post* o *The Economist*, posicionaram-se contra Trump, o fizeram, em primeiro lugar, em defesa da globalização imperialista: “O triunfo



do Senhor Trump, um empreendedor imobiliário transformado em estrela de televisão sem experiência governamental, expressou um poderoso rechaço às forças do establishment que se uniram contra ele, desde o mundo empresarial até o governo, em defesa do consenso forjado desde o comércio à imigração (*"New York Times"*, Matt Flegenheimer y Michael Barbaro, 9/11/16).

Trump expressa a crise deste consenso. O presidente do Partido Popular Europeu (centro direita clássica), Manfred Weber, acabou de manifestar-se: "Não sabemos o que podemos esperar dos Estados Unidos" (eldiario.es, 09/11/16).

Paradoxalmente, o Partido Republicano domina as duas câmaras, o que somado à presidência, dá-lhe um monopólio da vida político-institucional muito maior do que jamais sonhou Obama durante sua presidência.

Com os democratas ficando sem nada, muitas das decisões e conflitos deverão se processar dentro deste Partido Republicano, que algumas semanas atrás parecia ao ponto de quebrar e agora acabou ganhando tudo. Sua pregação protecionista, suas colocações contra os tratados de livre mercado, que os Estados Unidos "volte a ser uma grande potência", etc., tudo parece prever fortes trombadas e crises [4].

A história não terminou

O que acaba de ser coroado nos EUA é um giro à direita nos assuntos mundiais. Se Trump realmente avança em sua orientação, a economia mundial poderia ir novamente a uma grande crise. Um giro protecionista nos EUA, que de lugar a respostas competitivas simétricas nos demais países do centro imperialista, China e Rússia, não somente debilitaria o lugar dos Es-

tados Unidos no mundo: abriria uma Grande Depressão similar a dos anos 1930 (daí o pânico das bolsas mundiais e das autoridades das instituições econômicas internacionais)

O mundo começaria a deixar para atrás o "pós-modernismo". As coisas se fariam sérias. A inédita "grande moderação" que viveu o mundo nas últimas décadas (o manejo neoliberal mundializado democrático burguês dos assuntos), poderia ficar gravemente afetado: "(...) a chamada ordem liberal das últimas décadas parece estar agora trincando" ("O que acontecerá se ganhar Trump? Cinco claves. Ricardo Mir).

A ruptura deste consenso se inicia pela direita, não pela esquerda. Se Trump levar adiante seu programa (isso, no entanto, há que ser provar), configurará ataques inéditos aos de baixo. Porém estes não deixaram passar o ataque brutal sem lutar pelos seus direitos.

Trump ameaça à população latina. Trump ameaça as mulheres. Trump ameaça a população negra. Trump desconhece a mudança climática e já é a alegria das indústrias farmacêuticas que estão aumentando a esta altura suas ações. E, ainda que não fale, pela demagogia, aposta na superexploração dos trabalhadores aos que promete riqueza enquanto retira impostos dos ricos e milionários.

É provável que esteja preparando assim uma contestação social como desde os anos 1970 não se vê no gigante do norte. Ainda que leve tempo, ainda que tenha que superar a desmoralização inicial, se Trump aplica suas vagas orientações, esse desenlace poderia ser inevitável.

O pêndulo da luta de classes é assim. O ocorrido até o momento é uma "mera" eleição. Porém, pode-

ria ser uma antecipação de intenções. Se Trump concretiza o que antecipa, ainda que os acontecimentos comecem pela direita, o pêndulo poderia retornar, polarizar as circunstâncias, politizar a nova geração e dar lugar a enfrentamentos de luta de classes sem antecedentes no últimos 30 ou 40 anos.

Todo o equilíbrio mundial poderia ser posto em questão. A época de crise, guerras e revoluções reabrir-se. Estes tempos líquidos pós-modernos ficar para trás. A direita poderia estar abrindo a porta do desconhecido. Há que se unir nas ruas para conter os ataques de todos os gorilas que existem no mundo e relançar a perspectiva da revolução socialista no século XXI.

[1] O antecedente de maior peso de um partido alternativo aos das grandes finanças é o Partido Socialista das primeiras décadas do século XX, cuja máxima figura foi o legendário dirigente operário Eugene Debs que concorreu a presidência do país por 4 vezes consecutivas chegando a alcançar 6% dos votos em 1920.

[2] Todos os analistas destacam como caiu o voto também neste sentido: o mundo rural votou massivamente em Trump e o urbano em Clinton.

[3] Assinalamos de passagem que muitos analistas dizem que nunca se levou Trump a sério até que já era tarde demais. Inclusive os companheiros do Socialist Worker assinalam que quando Trump se apresentou pela primeira vez na política, o fez mais para buscar destaque no mundo jornalístico do que outra coisa.

[4] Agregamos a isto os problemas da política internacional que poderiam colocar-se. Obama foi nos últimos anos o "rosto humano" do neoliberalismo e da globalização, o que permitiu ao EUA recuperar algo da áurea perdida. Porém agora fica que o "legado" desse poderia ser questionado. Trump criticou os acordos com Irã assim como com Cuba. Além disso a maioria Republicana em ambas as câmaras poderia fazer recuar outros acordos internacionais.

Argentina:

UM RIO DE MULHERES NO ENCONTRO DE ROSÁRIO

Inés (Las Rojas)

O primeiro Encontro Nacional de Mulheres sob a *Era Macri* foi um êxito em vários sentidos. A quantidade de mulheres presentes, sobretudo as jovens, chegadas de todo o país, que deram o tom em um massivo e combativo ato de abertura, em uma multitudinária marcha de encerramento e em centenas de oficinas que debateram durante todo o fim de semana, revelaram um amplíssimo movimento de mulheres disposto a lutar para enfrentar o ajuste, os ataques à população trabalhadora, à juventude e, evidentemente, as políticas do governo contra as mulheres.

Acompanhado por uma enorme simpatia da população da cidade, a chegada de milhares de jovens ao Encontro comoveu Rosário, porém comoveu também muitas das ultrapassadas estruturas do Encontro. As comportas sustenta-

das durante anos pela burocracia do PCR, viram-se desbordadas pelas novas camadas de lutadoras e pelo avanço real da esquerda como força dentro do movimento de mulheres.

Oficinas como as de sequestro-exploração sexual e de transexuais converteram-se em massivas assembleias, fato que para as mulheres presentes se deu de forma natural, essa situação não tinha nada a ver com o regimento dos anos anteriores: oficinas a portas fechadas e expulsões se se juntavam mais de 30 pessoas, e com mesas que a todo o tempo cortavam as intervenções que saiam do supostamente estabelecido.

Nas oficinas sobre aborto, finalmente livres da igreja, as mulheres puderam debater com total liberdade e, evidentemente, plas-

mar nas conclusões não apenas a exigência de aborto legal, mas a anulação da condenação de Belém, a batalha para acabar com a objeção de consciência (o aborto pode ser negado pelo médico de plantão pelas suas convicções “éticas”) nos hospitais públicos e pelo fim da ingerência de todas as instituições retrógradas e patriarcais sobre o corpo das mulheres. A presença da igreja não apenas foi ínfima, ao não contar com o aparato do PCR - disposto a defender inclusive com violência a intervenção do clero nas oficinas -, onde aparecia rapidamente era diluído pela aplastante maioria de mulheres que queriam discutir como organizar a luta pelo aborto legal. Durante todo o Encontro se sentiu a necessidade de discutir também o próximo local do Encontro.





E não era apenas a esquerda que propunha isso, mas em todas as oficinas as mulheres interviam reforçando a importância de que o Encontro se realizasse diante do poder político, em Buenos Aires, para encher a Praça de Maio contra o governo inimigo dos direitos das mulheres. Foi uma barreira a menos a proposta de tomar as decisões fora das oficinas, esse velho “espírito” que impedia resoluções que possibilitem organizar a luta. Quando falávamos às que nunca tinham participado que o método de eleições do local do Encontro era feito por um “aplausômetro” no momento em que já se tinha retirado a grande maioria das mulheres, inicialmente pensavam que era uma piada e morriam de rir se semelhante idiotice.

Nas oficinas se estabeleceu que todos os temas poderiam ser debatidos, isso também se viu como natural para as novas companheiras. Quando *Las Rojas* propôs em todas as oficinas em que participamos organizar o próximo En-

contro em 8 de março, inspiradas na extraordinária força da *Segunda-feira Negra* das mulheres polonesas, que fizeram recuar o avanço reacionário do governo desse país, era visto com entusiasmo e não havia espaço para colocações tais como: “isso se debate em outra oficina”. Será parte da sistematização dos debates do Encontro e das tarefas a levar adiante, construir a campanha para levar milhares em todo o país a rua em defesa do aborto legal no hospital.

Estas novas camadas de ativistas ainda tem muito a caminhar, muitos passos a dar no caminho de construir articulações capazes de fazer com que as lutas do movimento de mulheres se façam cada vez mais poderosas e se transformem em uma irrefreável avalanche que possa conquistar direitos tão elementares como poder viver livre da violência, direito de não morrer ou ir presa pela ilegalidade do aborto, direito de sair e se divertir sem que alguém pense que possa violentar ou matar pro-

tegido pela impunidade da justiça capitalista e patriarcal, e também impor ao Estado trabalho autêntico, moradias e refúgios para que as mulheres possam sair da exploração sexual.

A Comissão Organizadora de Rosário, em um acordo burocrático e na contramão do que expressou o conjunto das mulheres, põe em perigo a continuidade do Encontro, pois quer manobrar a decisão de um próximo Encontro unitário, massivo e de luta para enfrentar com os trabalhadores e a juventude as políticas de Macri.

Por tudo isso, convidamo-la a se somar às *Las Rojas* (*As Vermelhas*), para que as lutas que lutamos juntas durante o Encontro as lutemos o ano todo em defesa das reivindicações das mulheres, por todos os nossos direitos e para construir o caminho da emancipação com a classe trabalhadora e todos os explorados e oprimidos, com o objetivo de destruir esse mundo capitalista e patriarcal. Avante as que lutam! Venha para *As Vermelhas*!